LetrAs de CaRVão

IRENE VASCO • JUAN PALOMINO

tradução Márcia Leite



pulo do gato

Letras de Carvão



Com todo meu carinho e gratidão para as mães e bibliotecárias comunitárias colombianas que me emprestaram as histórias reunidas neste livro.

IRENE VASCO

texto **IRENE VASCO**

LetrAS de CaRVão



ilustrações **JUAN PALOMINO**

tradução **Márcia Leite**

pulo do gato



Gosto tanto de ver você escrevendo seus contos, meu filho.

Às vezes eu também escrevo. Sabe, quando eu tinha a sua idade, não sabia ler nem escrever.

Você quer que eu conte a história de como aprendi a ler? Depois podemos escrevê-la juntos. O que acha dessa ideia?

Então vamos começar...

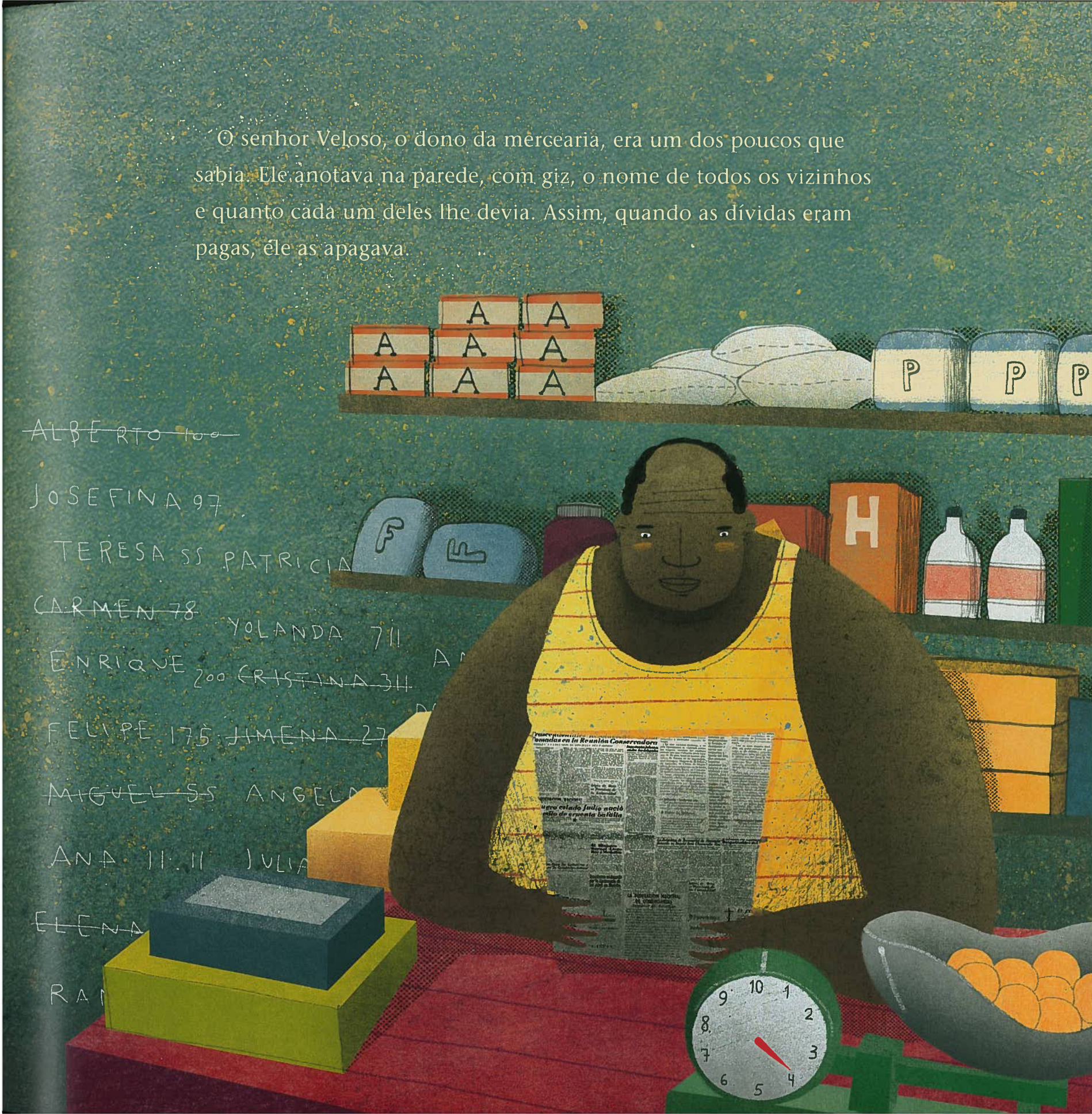



DIPLOMA



Antes, aqui no povoado, quase ninguém sabia ler.
E muito menos escrever.

O senhor Veloso, o dono da mercearia, era um dos poucos que sabia. Ele anotava na parede, com giz, o nome de todos os vizinhos e quanto cada um deles lhe devia. Assim, quando as dívidas eram pagas, ele as apagava.



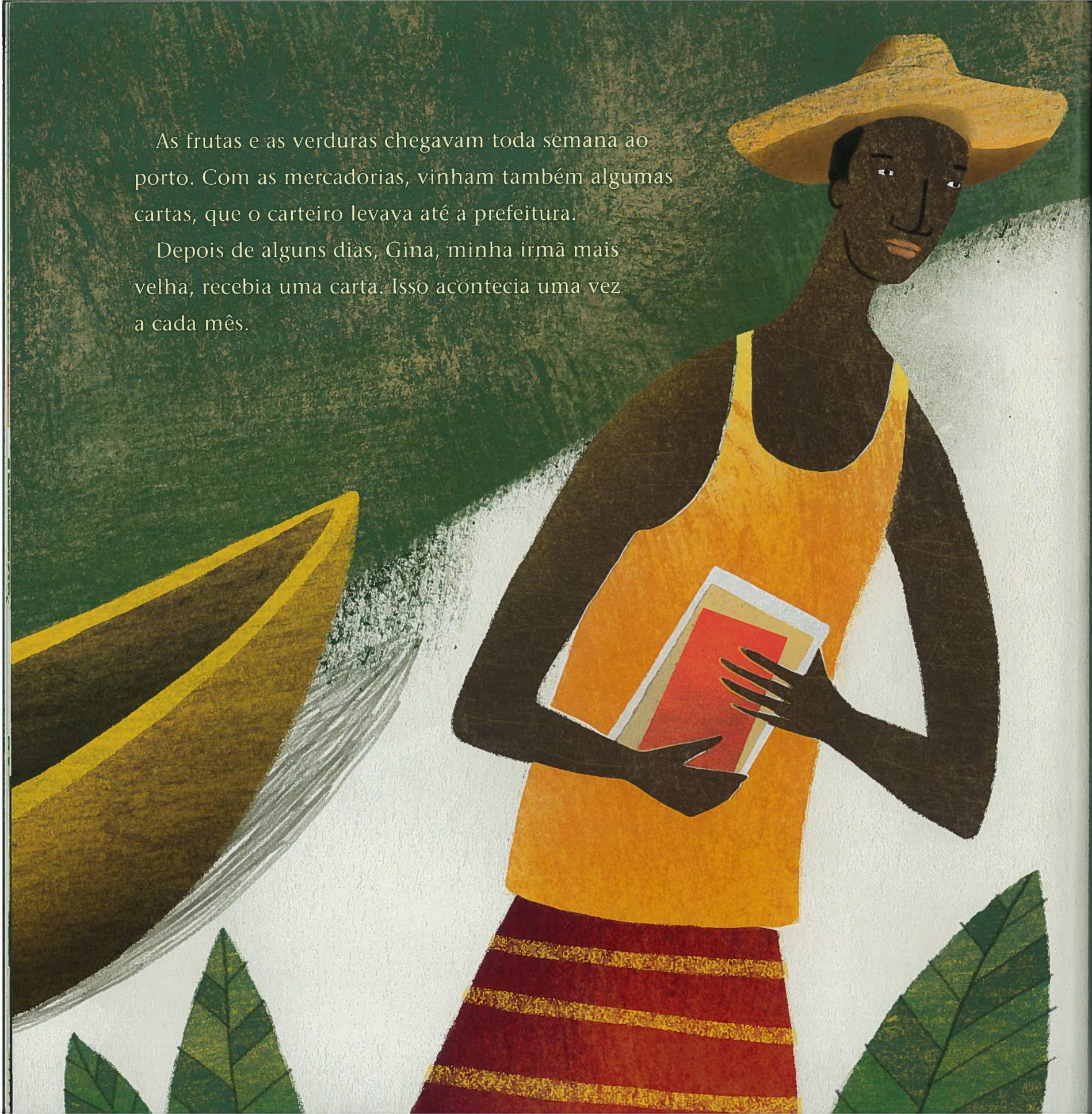
As letras estavam presentes em todas as partes, mas quase ninguém reparava nelas.

Os jornais velhos eram usados para embalar as compras e para tapar os furinhos das paredes. Dessa forma, nas noites frias, o vento não conseguia atravessá-las.

As letras viviam nas cozinhas, nas mesas, diante dos olhos de todo o povoado de Palenque, mas ninguém era capaz de entender o que elas diziam.







As frutas e as verduras chegavam toda semana ao porto. Com as mercadorias, vinham também algumas cartas, que o carteiro levava até a prefeitura.

Depois de alguns dias, Gina, minha irmã mais velha, recebia uma carta. Isso acontecia uma vez a cada mês.



Gina abria o envelope com timidez. Sabia que quem enviava as cartas era Miguel, o jovem médico que havia trabalhado alguns meses no povoado.

À sombra da grande mangueira, Gina permanecia horas observando aquelas cartas cheias de letras que não conseguia ler, mas que, tinha certeza, traziam muitas promessas de amor.



Eu morria de vontade de saber o que diziam aqueles papéis. Imaginava que Miguel pedia Gina em casamento e lhe oferecia uma casinha para viverem juntos em algum lugar bem longe, tão longe que nem minha imaginação alcançava. Gina certamente sonhava coisas parecidas.



A verdade é que nenhuma de nós podia ler o que Miguel escrevia.

Passávamos as cartas de mão em mão, procurando decifrá-las.
Subíamos no galho mais alto da mangueira, desdobrávamos folha
por folha e procurávamos pela letra "O", a única que conhecíamos.

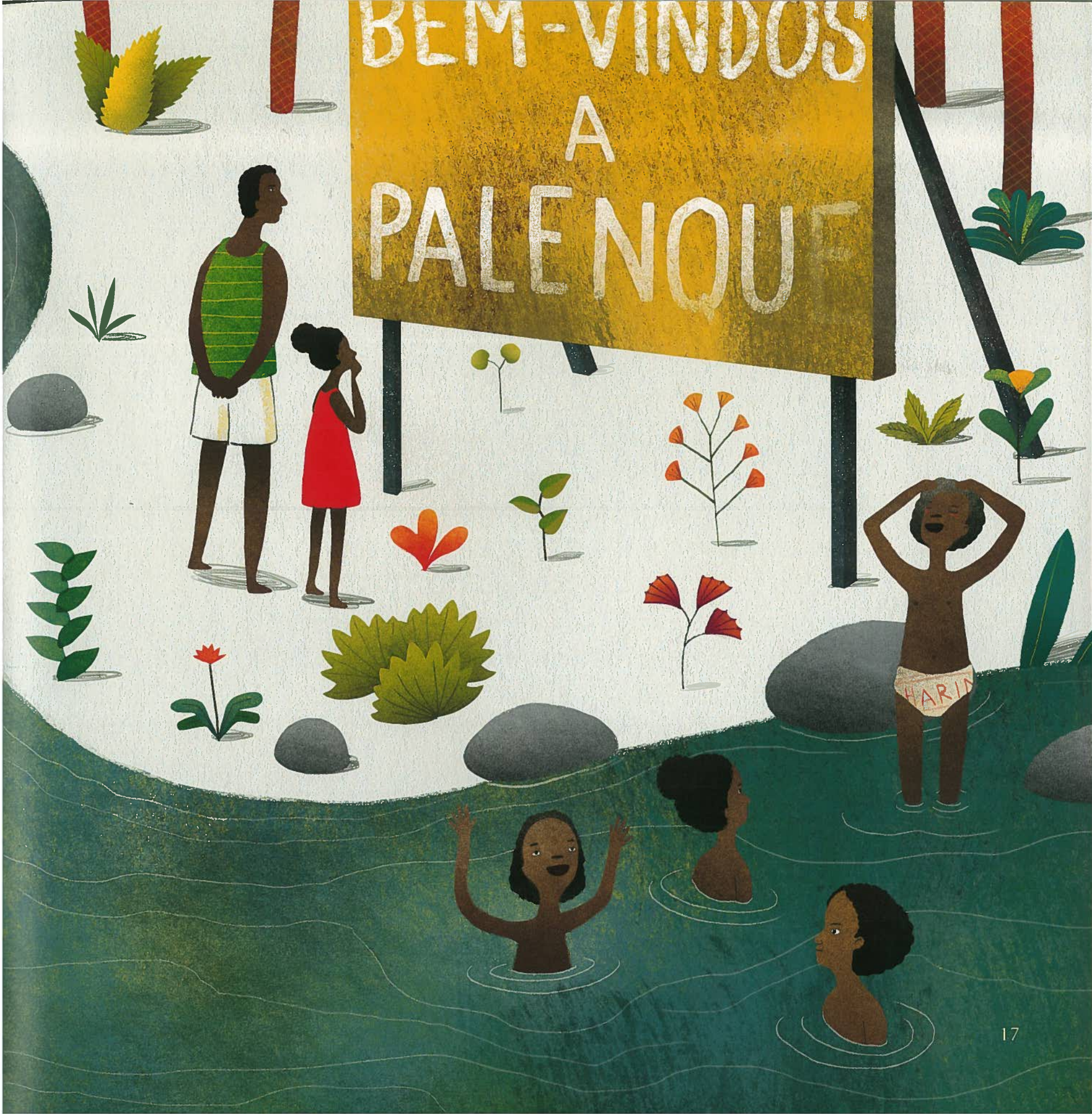




Aquelas cartas se tornaram uma obsessão para mim. Queria decifrar o que as letras diziam para contar a Gina.

E foi assim que decidi aprender a ler.



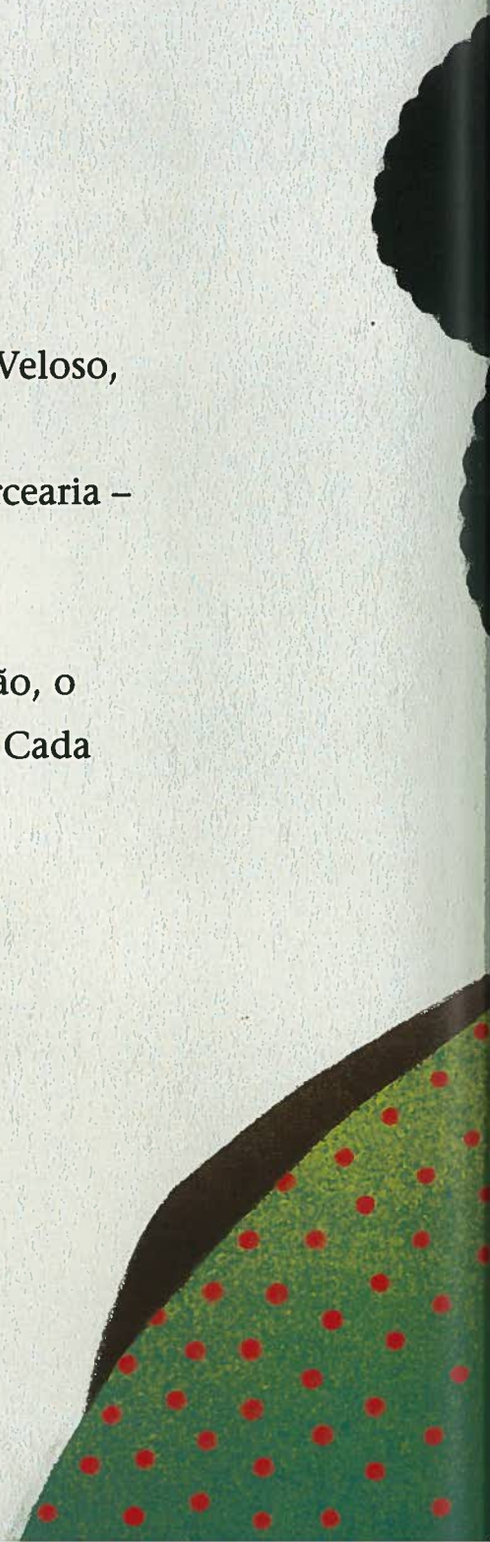

BEM-VINDOS
A
PALENQUE

– O que está escrito aqui? – eu perguntava ao senhor Veloso, sempre que podia.

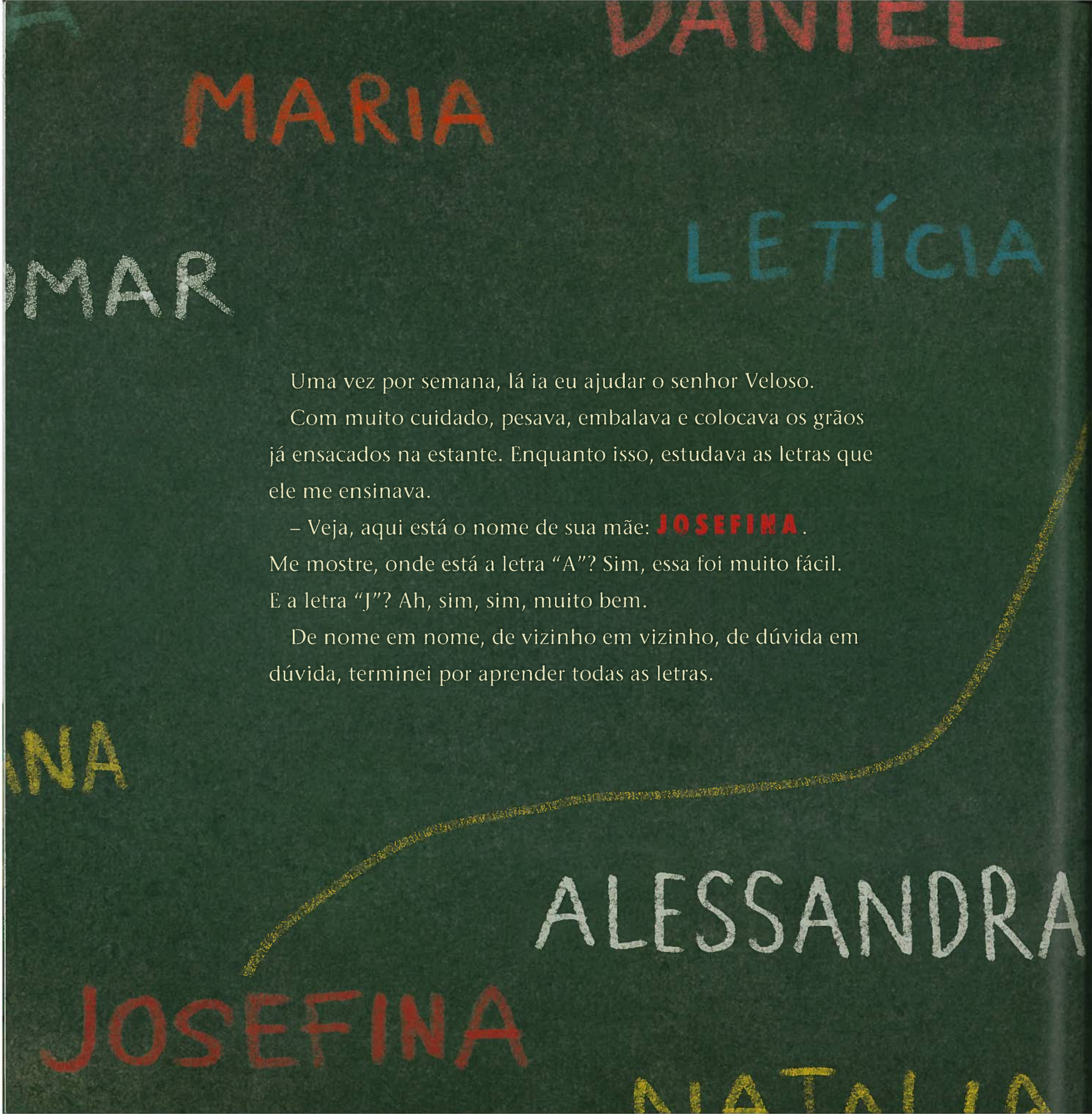
– Eu posso ensinar você a ler se você me ajudar na mercearia – ele um dia propôs.

– Ajudar a fazer o quê? – perguntei.

– A empacotar os grãos. É preciso pesar o arroz, o feijão, o milho. Depois, devem ser colocados em sacos de papel. Cada saco deve pesar um quilo, nem mais, nem menos.




A
2
4
6
8



Uma vez por semana, lá ia eu ajudar o senhor Veloso.

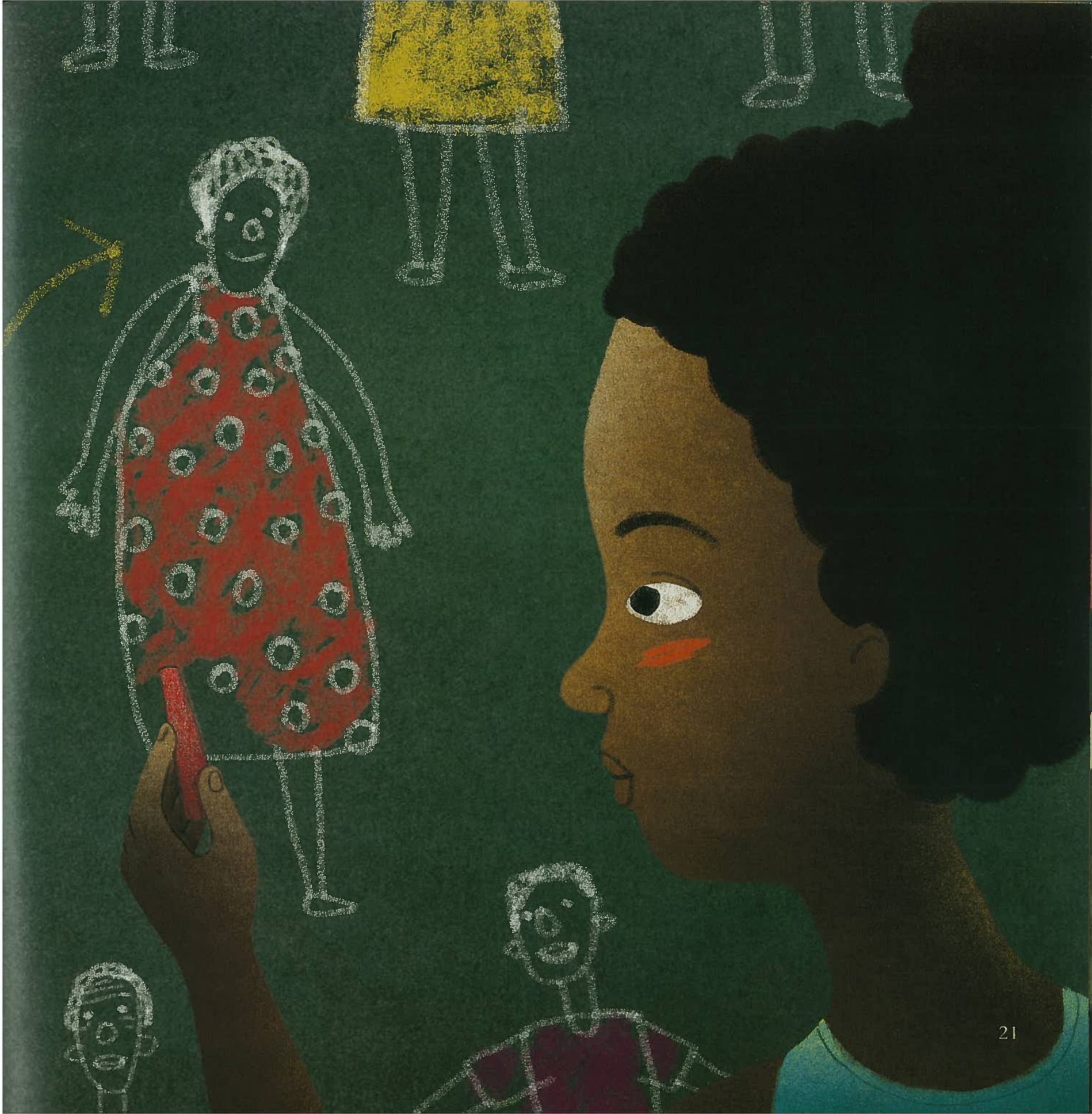
Com muito cuidado, pesava, embalava e colocava os grãos já ensacados na estante. Enquanto isso, estudava as letras que ele me ensinava.

– Veja, aqui está o nome de sua mãe: **JOSEFINA**.

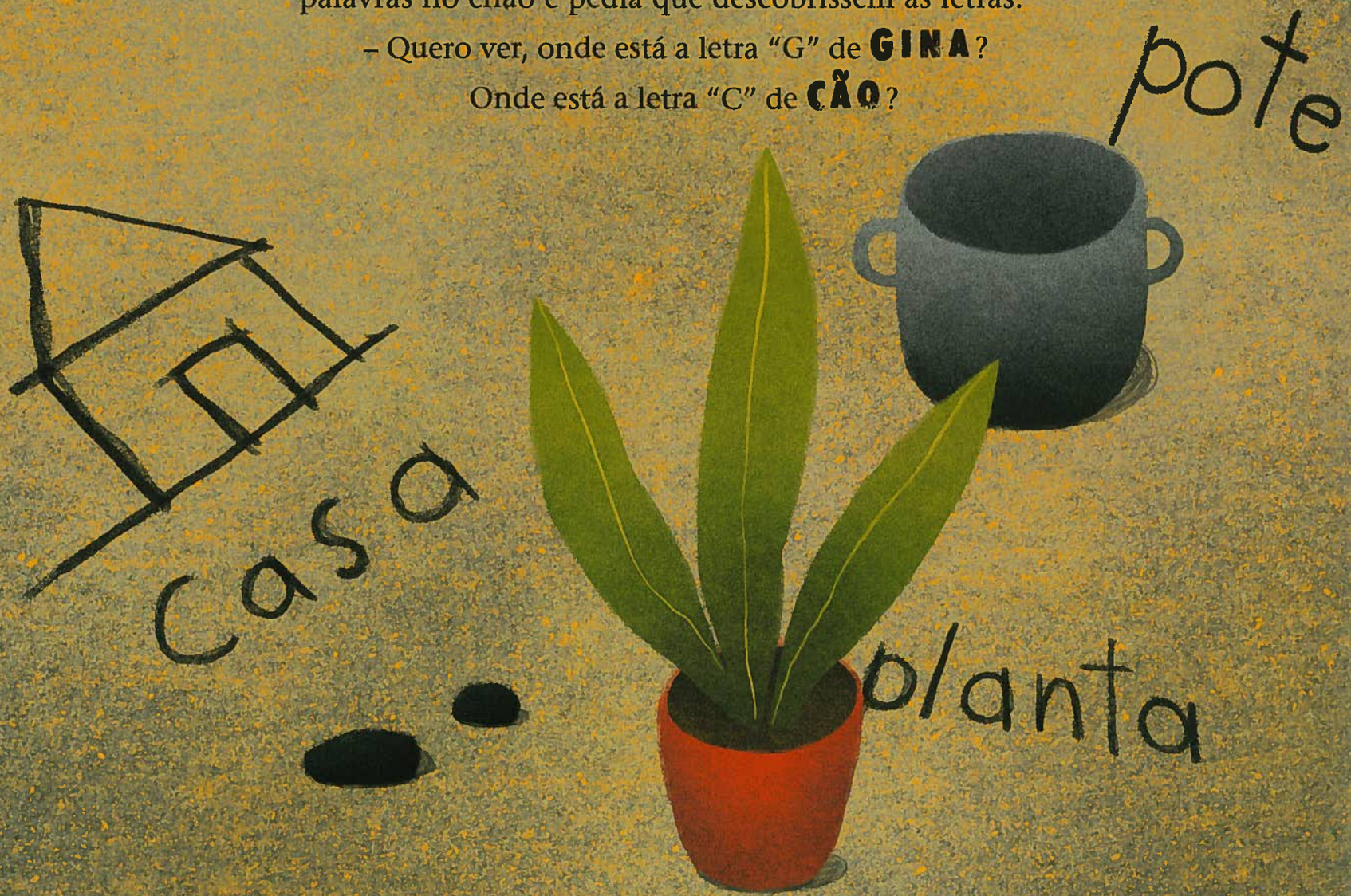
Me mostre, onde está a letra "A"? Sim, essa foi muito fácil.

E a letra "J"? Ah, sim, sim, muito bem.

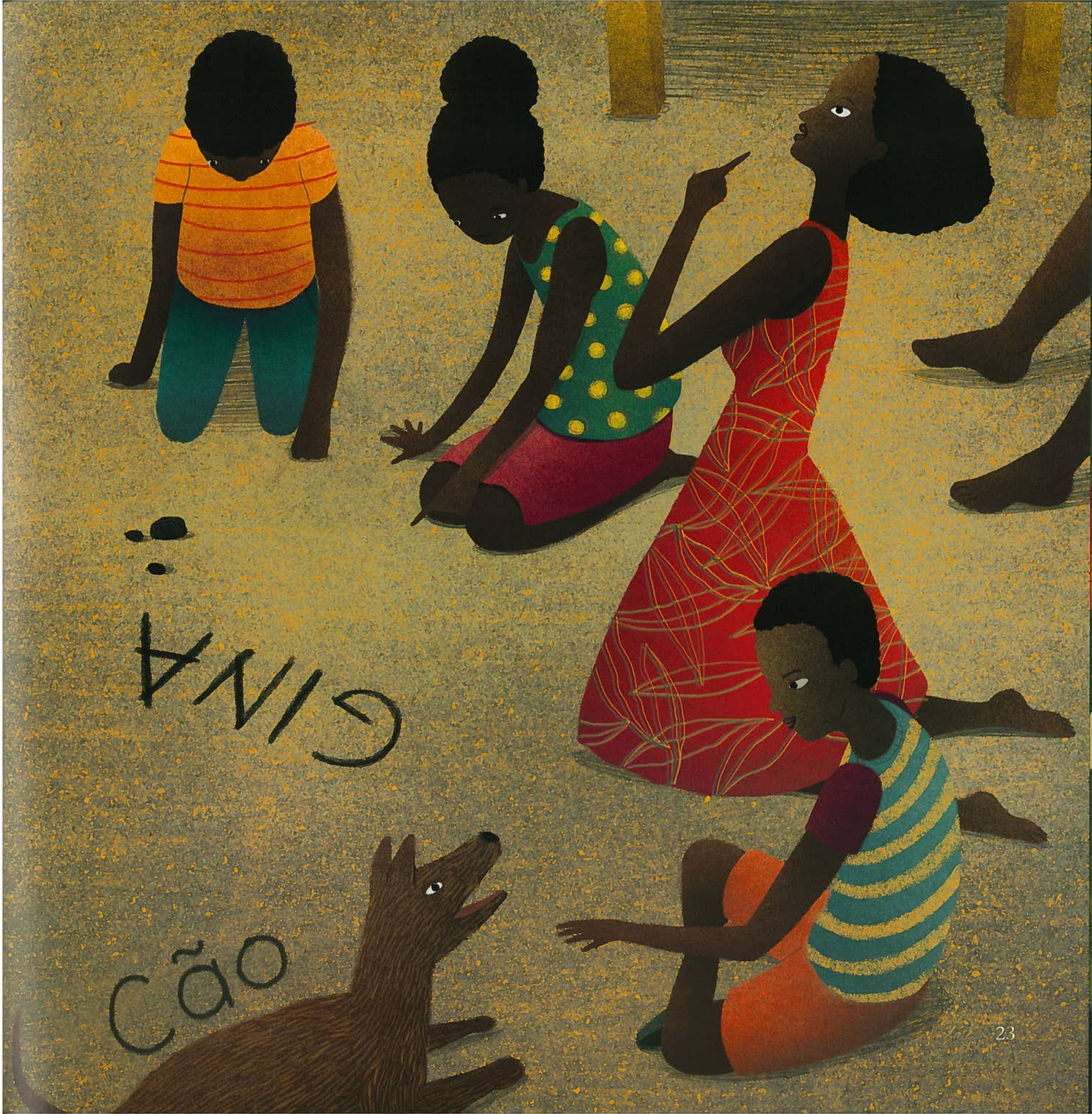
De nome em nome, de vizinho em vizinho, de dúvida em dúvida, terminei por aprender todas as letras.



Ao cair do sol, eu brincava que era o senhor Veloso.
Gina se sentava ao meu lado e, algumas vezes, meus irmãos e os vizinhos se juntavam a nós.
Com um pedaço de carvão da cozinha, eu escrevia as palavras no chão e pedia que descobrissem as letras.
– Quero ver, onde está a letra "G" de **GINA**?
Onde está a letra "C" de **CÃO**?



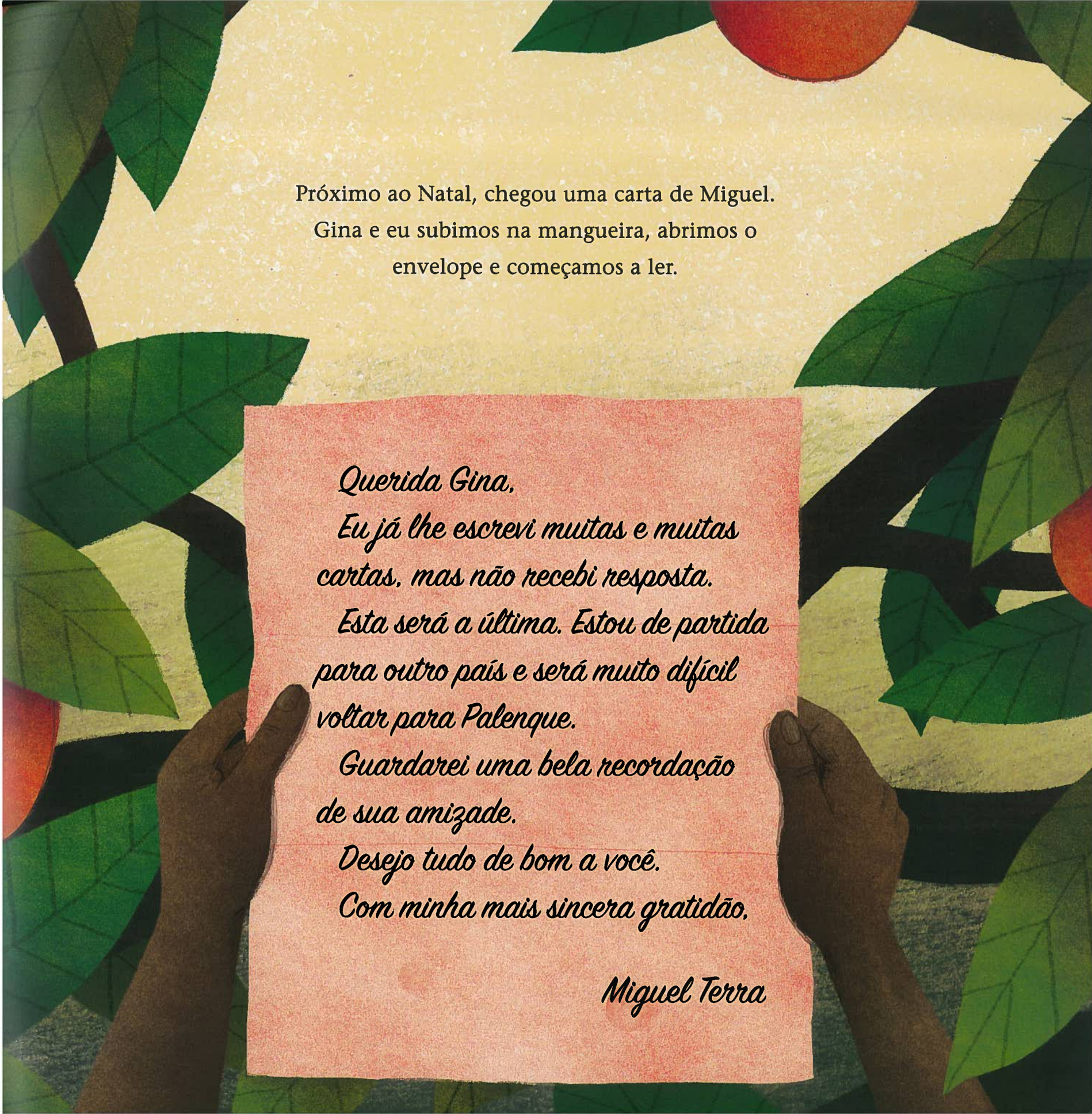
E Gina, com vontade de aprender para poder ler as cartas de Miguel, se esforçava para encontrar todas as letras.


cão



No final do ano, Gina e eu já sabíamos ler. Líamos devagar, mas entendíamos tudo.

Mas, enquanto aprendíamos as letras, as cartas começaram a ficar cada vez mais e mais raras.



Próximo ao Natal, chegou uma carta de Miguel. Gina e eu subimos na mangueira, abrimos o envelope e começamos a ler.

Querida Gina,

Eu já lhe escrevi muitas e muitas cartas, mas não recebi resposta.

Esta será a última. Estou de partida para outro país e será muito difícil voltar para Palenque.

Guardarei uma bela recordação de sua amizade.

Desejo tudo de bom a você.

Com minha mais sincera gratidão.

Miguel Terra



Quando Gina terminou de ler, tinha os olhos cheios de lágrimas. Mas ela logo guardou a carta no bolso e disse:

– Ainda não acabamos de costurar nossos vestidos para a festa de Natal! Temos muito que fazer. Vamos, outro dia voltamos a ler a carta.

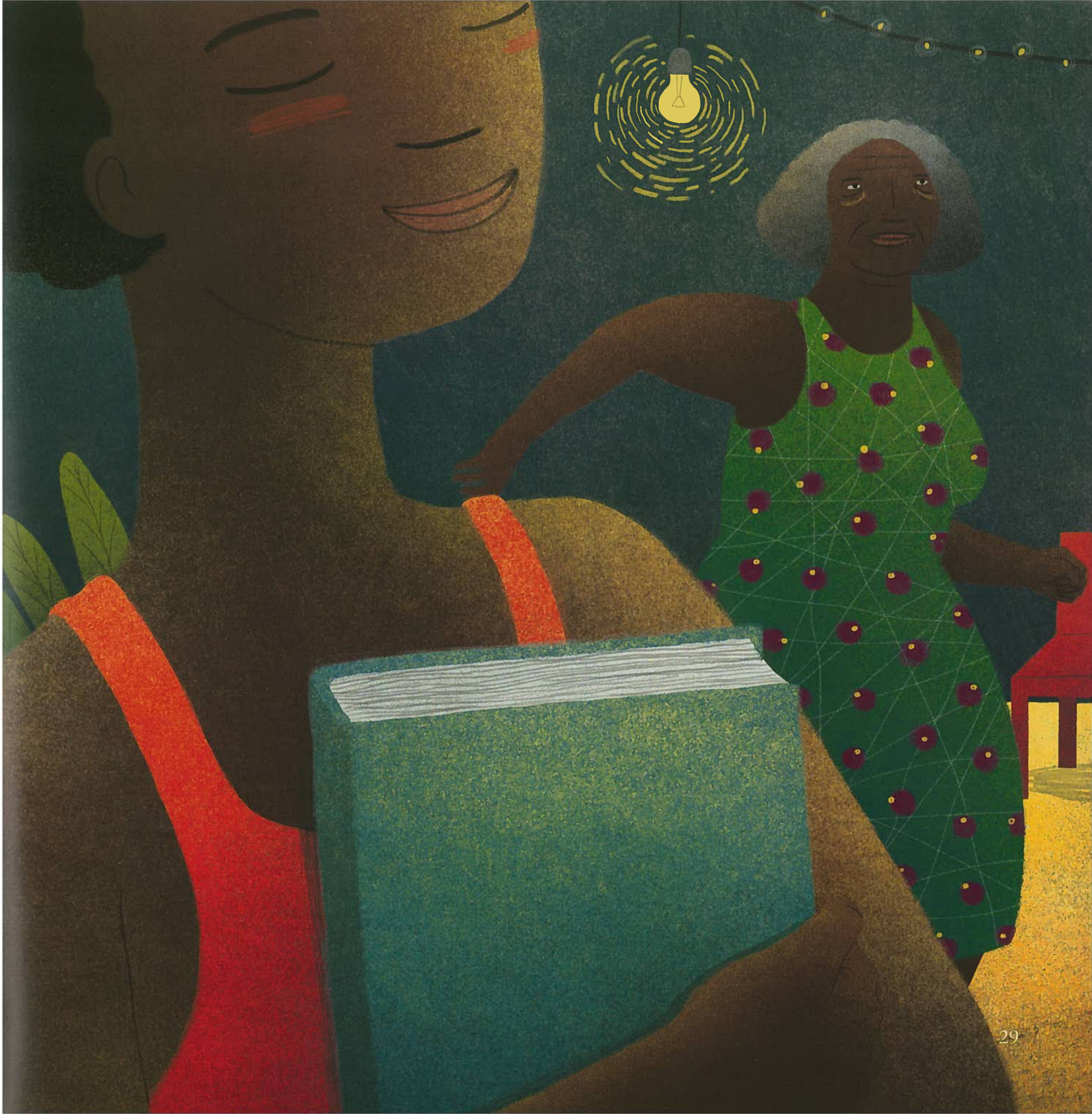


Durante a festa, Gina conheceu João José... mas essa é uma outra história.

E eu, toda orgulhosa, recebi o mais lindo presente que alguém me havia dado: meu primeiro livro de contos. O senhor Veloso havia encomendado para mim.

Nesse Natal, eu me senti a menina mais feliz do mundo. Assim que a festa terminou, li o livro em voz alta para todas as pessoas do meu povoado.





Desde então, meu filho, eu nunca mais deixei de ler para mim mesma...
e também para todo mundo.





O QUE SE TRANSFORMA, O QUE PERMANECE

No meu país, a Colômbia, assim como em boa parte dos países da América Latina, entre os quais o Brasil, a cultura e as regras comunitárias foram sendo transmitidas pela tradição oral. As palavras narradas e cantadas nas reuniões ou nas cantigas de ninar pareciam suficientes até pouco tempo atrás. Ler e escrever não eram prioridades, principalmente nas comunidades afrodescendentes localizadas nas zonas rurais mais remotas e de difícil acesso. Menos prioritárias ainda quando se pensava nas mulheres, das quais se esperava apenas que cuidassem de suas casas e ajudassem nos trabalhos da roça.

No final do século XX, a consciência de que a alfabetização era um direito básico de todos começou a despertar e a se difundir. As escolas foram se multiplicando, novas bibliotecas surgiram e, finalmente, os habitantes dos povoados e cidades mais distantes das capitais puderam ter acesso a pequenas coleções de livros.

Desde então, nós, como batalhões de formadores de leitores, pudemos chegar aos povoados longínquos munidos de nossas sacolas carregadas de livros, e nos reunirmos com mães e bibliotecárias comunitárias que antes contavam histórias e cantavam, e que agora também podem ler em voz alta. Essas mulheres aprenderam a ler as letras das palavras com as quais conviviam em seu cotidiano, como os sacos de farinha que traziam os nomes dos fabricantes e que, depois de reciclados, transformavam-se em roupas para as crianças.

Durante anos de andanças, de curso em curso, fui recolhendo as histórias de leitura dessas mulheres. Suas palavras me comoviam e me enchiam de esperança. Eu as ouvia, anotava em meu caderno tudo o que escutava e lhes pedia emprestadas essas lindas experiências de vida de quando chegaram ao mundo das letras.

Assim como as pequenas tranças nas cabeças das mulheres africanas lembram os pequenos caminhos da mata que um dia guiaram os escravos em suas fugas, eu mesma trancei as histórias que essa nova geração de leitoras me contou. O povoado onde se passa *Letras de carvão* chama-se Palenque (que em português é o mesmo que Quilombo), em homenagem aos primeiros povoados formados pelos escravos que conseguiram fugir do cativeiro.

Gostaria de agradecer a Carmen Antonia, bibliotecária da Biblioteca Comunitária La Alegría (Santiago de Tolú, Colômbia), e a todas as mulheres anônimas de meu país, que se transformaram em leitoras mas ainda guardam e transmitem as palavras dos mais velhos que se reuniam em volta dos fogões a carvão, agora cada vez mais raros, mantendo aceso o fogo da tradição.

IRENE VASCO

[para saber mais sobre a autora: www.irenevasco.com]



A LEITURA COMO FORMA DE INCLUSÃO*

Quando falamos de inclusão devemos primeiro pensar: O que entendemos por diferenças? Por que as vemos como uma ameaça?

A inclusão não deve tratar apenas dos portadores de necessidades físicas. Atualmente, os governos se preocupam em criar uma série de medidas de inclusão, visíveis por todos – como rampas de acesso, elevadores especiais, livros em braille –, mas, ao mesmo tempo, excluem e ignoram um monte de gente que simplesmente não lhes interessa amparar. Na verdade, todos nós também costumamos agir assim: qualquer diferença – étnica, religiosa, cultural, econômica, ou de gênero, de orientação sexual e muitas outras – pode provocar exclusão.

Em um de meus recentes trabalhos, um homem admira as diferentes cores e formas dos pássaros e convida uma menina a observá-los da forma como ele os vê. Na sequência, o homem passa a censurar e a tentar mudar as diferenças entre as pessoas, com a intenção de que todas sejam como ele. A menina, então, lhe oferece um livro e ele começa a ver as pessoas da mesma forma como, antes, admirava as aves.

Creio que a literatura é isso, uma maneira muito eficiente de mostrarmos as diferenças como riquezas e não como ameaça. Minhas imagens precisam ser um convite à curiosidade e à surpresa. Prefiro pensar que o meu trabalho forma leitores, mas não necessariamente de livros, mas sim de suas próprias vidas.

* Trecho de entrevista ao blog La Neif – www.laneif.com.

JUAN PALOMINO
[para saber mais sobre o ilustrador:
www.dejuanpalomino.blogspot.com]





© da edição brasileira Editora Pulo do Gato, 2016
© do texto Irene Vasco, 2016
© das ilustrações Juan Palomino, 2016

Coordenação Pulo do Gato Márcia Leite e Leonardo Chianca
Diagramação Miguel Estêvão
Revisão Claudia Maietta
Tradução Márcia Leite

Título original: *Letras al carbón*, publicado em acordo com Editorial Juventud, Barcelona, Espanha

A edição deste livro respeitou o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

1ª edição • julho • 2016

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Pulo do Gato.

CIP-BRASIL CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Vasco, Irene
Letras de carvão / Autora: Irene Vasco; Ilustrador: Juan Palomino [tradução Márcia Leite]. – 1ª ed. – São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2016
36 p.; 26 cm; tradução de: *Letras al carbón*.
ISBN 978-85-64974-90-6
1. Literatura infantojuvenil. I. Vasco, Irene. II. Palomino, Juan. III. Leite, Márcia. IV. Título.
CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

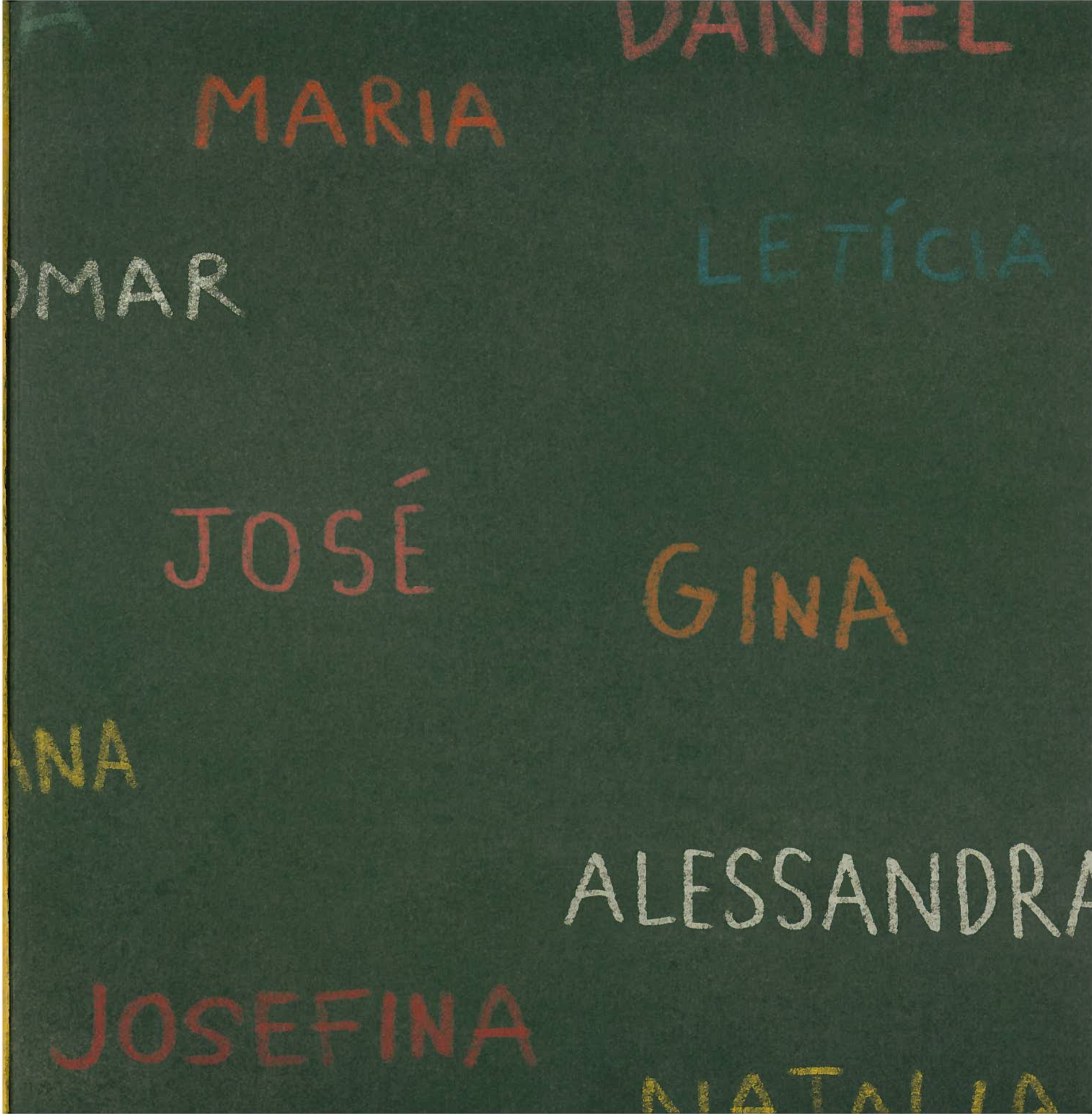
pulo do gato

Rua General Jardim, 482, conj. 22 • CEP 01223-010
São Paulo, SP, Brasil • Tel.: [55 11] 3214 0228

www.editorapulodogato.com.br



Este livro é uma homenagem da Pulo do Gato
ao educador brasileiro Paulo Freire e a todos que,
como ele, acreditam que a leitura do mundo
precede a leitura da palavra e que
ler e escrever é um direito.


DANIEL
MARIA
LETÍCIA
OMAR
JOSÉ
GINA
ANA
ALESSANDRA
JOSEFINA



Na pequena cidade de Palenque quase ninguém sabia ler. Com a ajuda do dono da mercearia, a menina começa a descobrir o que as letras e as palavras significam, e não demora muito para que um mundo novo de possibilidades se abra para ela e para todos os habitantes de seu povoado.

ISBN: 978-85-64974-90-6

pulo do gato